
Neolitização e megalitismo: o recinto megalítico das Fontainhas (Mora, Alentejo Central)

MANUEL CALADO
LEONOR ROCHA
PEDRO ALVIM

R E S U M O

A escavação do recinto megalítico das Fontainhas (Mora), em 2005, veio confirmar, com dados novos, a atribuição cronológica do monumento ao Neolítico Antigo/Médio, com destaque para a presença de cerâmicas decoradas e micrólitos. Foram igualmente obtidos elementos pertinentes sobre alguns aspectos rituais, nomeadamente o uso das mós nas estruturas de implantação e as orientações astronómicas (solar e lunar) dos menires exteriores ao recinto. A prospeção da área envolvente reforçou, por sua vez, a informação proporcionada pelos artefactos recolhidos na escavação do recinto, tendo sendo identificada, como seria de esperar, uma rede de povoados que cobre toda a diacronia desde o Neolítico Antigo até ao Calcolítico. A principal surpresa, neste domínio, foi uma ocupação de cariz mesolítico, que os dados provenientes de áreas contíguas e o próprio contexto geográfico, nos limites da bacia sedimentar do Tejo, tornam menos surpreendente.

A B S T R A C T

The excavation of the megalithic enclosure of Fontainhas (Mora), on 2005, has confirmed, with new data, the chronological attribution of the monument to the Early Neolithic, mostly decorated pottery and microlithic artefacts. Some new elements about ritual, like the reuse of quern stones inside the sockets of the menhirs, or the astronomical orientations (solar and lunar) of the stones outside the enclosure, have also been obtained. The survey around the site reinforced, by its side, the information given by the artefacts recovered in the dig of the monument: a network of settlements, spanning from the Early Neolithic to the Early Bronze Age, has been registered. The main surprise, in this domain, was a Mesolithic occupation, expectable, until a certain point, according to some recent data from contiguous areas, and to the geographical context, in the limits of the Tertiary basin of the Tejo.

1. Introdução

O recinto das Fontainhas foi descoberto, nos anos setenta do século vinte, pela equipa dos Serviços Geológicos de Portugal, que publicou, a propósito, uma curta notícia sobre o monumento, em que se inclui uma planta bastante rigorosa (Zbyszewski et al., 1977).

Note-se que, ainda no concelho de Mora, a mesma equipa redescobriu (e publicou, na referida notícia, como se fosse inédito) o recinto megalítico do Vale d'El Rei, que rebaptizou como Cromeleque das Figueiras; na verdade, o monumento tinha sido descoberto e publicado, cerca de duas décadas antes, pelo casal Leisner que, no entanto, não lhe deu a devida importância.

Esse desinteresse compreende-se, em boa parte, porque, nessa altura, não se conheciam ainda os outros exemplares da mesma família que começariam a ser identificados, na sequência da descoberta do recinto dos Almendres, apenas a partir da década de sessenta. O monumento que, na altura se encontrava praticamente intacto, aparecia-lhes, assim, como um caso excepcional e difícil de integrar no megalitismo regional que, por essa época, era concebido como um fenómeno exclusivamente funerário (Leisner e Leisner, 1959).

Na actualidade, o recinto das Fontainhas encontra-se, aparentemente, muito amputado; conserva apenas seis menires, de granito, com formas ovóides mais ou menos alongadas, todos eles inclinados ou tombados, embora com as bases parcialmente enterradas nos respectivos alvéolos. O menir de maiores dimensões (com cerca de 4 m de comprimento), fracturado em duas partes, ocupa uma posição razoavelmente centrada em relação ao arco formado pelos restantes monólitos.



Fig. 1 O monumento, antes do início dos trabalhos e após a limpeza do terreno.

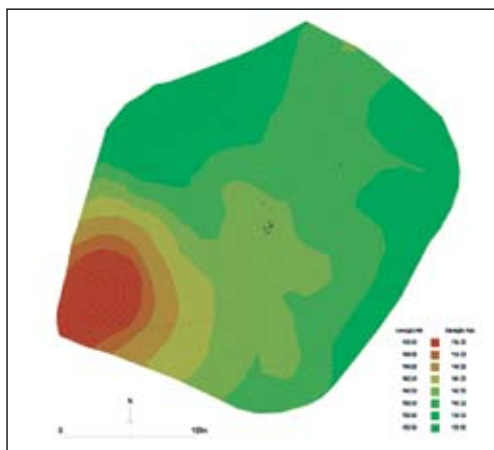


Fig. 2 Hipsometria da área envolvente das Fontainhas.

Nas proximidades deste conjunto (do lado Norte, a cerca de 15 m do menir 6) jazia, muito enterrado, um pequeno menir, com cerca de 1,20 m de comprimento; por outro lado, a cerca de 70 m, a Nordeste, existia um outro menir tombado, também quase totalmente enterrado, com cerca de 1,70 m de comprimento. Curiosamente, estes dois monólitos não foram referidos pelos descobridores do recinto, tendo sido identificados, na década de noventa, por dois dos signatários (MC e LR).

O recinto das Fontainhas implanta-se numa rechã, ligeiramente balançada para Leste, em terrenos detríticos (complexo greso-argiloso e conglomerático),

nas bordas da bacia sedimentar do Tejo. Tendo como base a Carta Geológica e as prospecções no terreno, os afloramentos graníticos mais próximos localizam-se a Leste e distam cerca de 1,5 km do monumento. Em termos de capacidade agrícola, é junto à ribeira do Raia, cerca de 1,5 km a Norte das Fontainhas que se localizam as melhores manchas de solos, nos terraços quaternários que marginam aquele afluente do Sorraia.

2. Algumas das questões científicas de que partimos

O recinto das Fontainhas apresentava, à partida, algumas características comuns à maioria dos restantes “cromeleques” alentejanos, nomeadamente:

1. Implantação numa vertente exposta a Nascente. No entanto, o facto de se localizar na base (e não junto ao topo) de uma pequena elevação, constitui um traço relativamente original.
2. Descontextualização geológica dos menires. Na verdade, os menires são, como é norma na região, de granito, enquanto, neste caso concreto, o substrato geológico é composto por sedimentos arenosos.

3. A planta, apesar de muito truncada, sugeria uma disposição em ferradura, aberta a Este, tal como tem vindo a ser observado na generalidade dos recintos alentejanos (Calado, 2002, 2004) e, de uma forma inequívoca, no recinto pavense de Vale d’El Rei (Calado, 2004). A inclinação do terreno e a presença de um menir de maiores dimensões, no interior do recinto, aproxima-o igualmente do modelo observado na maior parte dos exemplares mais bem conservados (Almendres, Portela de Mogos, Vale Maria do Meio, Tojal).

4. Cronologia aparentemente recuada, na sequência neolítica regional, sugerida inicialmente apenas pela presença de sílex, detectado em prospecções de superfície; essa antiguidade era igualmente suportada pelos dados obtidos, nos últimos anos, nos outros recintos megalíticos do Alentejo Central. Note-se que, na região, a presença, estatisticamente relevante, de artefactos e restos de talhe de sílex, se relaciona sistematicamente com contextos do Neolítico Antigo/Médio; a partir do Neolítico Final, o sílex foi, em grande parte, substituído pelo xisto jaspóide ou o quartzo hialino, no fabrico de projecteis (pontas de seta) e manteve-se, quase exclusivamente, no fabrico das lâminas. Neste âmbito cultural, o sílex tende a ocorrer em percentagens ínfimas, sobretudo quando comparado com as cerâmicas (Calado, 2004).

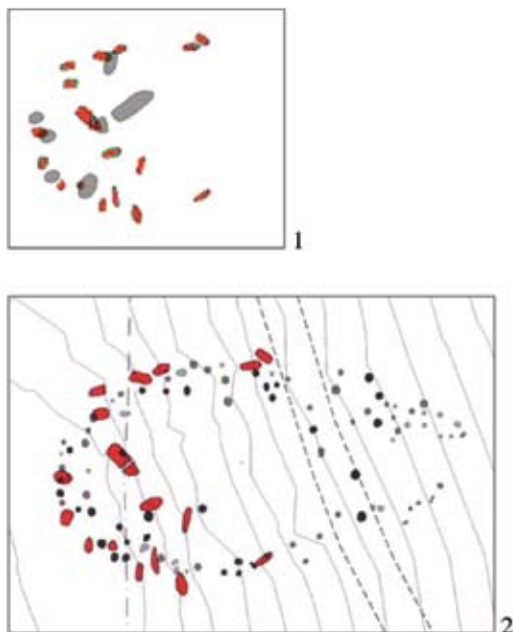


Fig. 3 Sobreposição, com alteração das escalas, das plantas dos recintos do Tojal (a vermelho) e das Fontainhas (a cinzento) (1) e das plantas dos recintos dos Almendres (a negro) e do Tojal (a vermelho) (2). Note-se, em ambos os casos, a coincidência das posições dos menires “centrais”.

5. Afastamento em relação às manchas dolménicas que atingem, sobretudo a Nascente-Sul, uma notável entidade (as antas de Cabeção, Pavia e Brotas). O mesmo acontece, aliás, com os recintos de Évora, em particular o dos Almendres e, até certo ponto, também o do Xarez.

Noutra escala e de outro modo, no Algarve é igualmente notória a segregação espacial entre menires e antas, fenómeno que, para além das diferenças cronológicas, implica diferentes formas de gestão da paisagem.

Mas, para além desse conjunto de características genéricas, o recinto das Fontainhas apresentava algumas especificidades.

A ausência, nas imediações, de vestígios habitacionais atribuíveis ao Neolítico Antigo/Médio, constituía, desde logo, uma excepção flagrante em relação às realidades observadas nas restantes áreas meníricas do Alentejo Central; de facto, as prospecções efectuadas, na última década, nas áreas envolventes dos recintos de Évora, de Reguengos de Monsaraz ou de Montemor-o-Novo (Calado, 2004), conduziram à identificação sistemática de manchas de povoamento dessa época.

Esta lacuna, que constituía, por assim dizer, um ponto fraco no modelo cronológico que temos vindo a defender (Rocha, 1999, 2005; Calado, 2004; Alvim, 2006), prende-se, antes de mais, com uma curiosa discordância entre as geografias neolíticas e as geografias da investigação: de facto, a



Fig. 4 Aspecto do recinto das Fontainhas antes do início da escavação.



Fig. 5 O contexto arqueológico das Fontainhas, na margem esquerda da Rib. do Raia: povoados da Barroca (Mesolítico/Neolítico) e das Cabeças de Mora (Calcolítico).

delimitação da área de estudo de Vergílio Correia, o pioneiro da investigação sistemática do megalitismo alentejano, excluía, por escassa margem, os locais onde viemos, nas prospecções agora efectuadas, a identificar os primeiros povoados neolíticos, relacionáveis com o recinto das Fontainhas. Note-se que Vergílio Correia (que não registou o próprio recinto, apesar de este se localizar na sua área de estudo) utilizou, para balizar o seu “Neolítico de Pavia”, uma área correspondente à folha 409, da Carta Militar de Portugal (Esc. 1:25 000) e que a mesma grelha foi, naturalmente, utilizada num trabalho de investigação regional levado a cabo por um dos signatários (Rocha, 1999) que tinha, precisamente, como principal objectivo, rever os dados de Vergílio Correia (1921).

Para além dessa ausência, note-se que, antes da intervenção agora levada a cabo, eram muito escassos, na área envolvente do recinto das Fontainhas, os dados arqueológicos que, em termos cronológico-culturais, se pudessem relacionar com a construção e utilização do monumento. De entre eles, destacava-se o povoado calcolítico das Cabeças de Mora, implantado numa elevação a Norte das Fontainhas, entre o recinto e a ribeira do Raia, registado, há alguns anos, pelos signatários (Rocha, 1999); também a norte do recinto, já nos terraços quaternários da margem esquerda do Raia, existiam notícias de várias sepulturas submegalíticas e, na margem direita, uma anta de corredor (Moita, 1956).

Em termos tafonómicos, um dos aspectos mais intrigantes do recinto das Fontainhas era, à partida, o facto de alguns menires se encontrarem ainda cravados e semi-erectos, apresentando diversos graus de inclinação. Esse estado inusitado de conservação das estruturas parecia contraditório com o substrato arenoso em que o monumento se insere e parecia, teoricamente, implicar uma boa conservação estratigráfica, pelo menos em termos de estruturas negativas e respectivos conteúdos. Colocava-se, pois, a possibilidade de se encontrarem os alvéolos e as coroas de sustentação de menires desaparecidos, o que, a confirmar-se, permitiria, no mínimo, recuperar informação segura sobre a planta original do conjunto.

A presença de dois menires (Menires 7 e 8), aparentemente independentes em relação ao recinto propriamente dito, mas provavelmente articulados com ele, aparecia como uma característica relativamente excepcional, nos recintos alentejanos, sobretudo se valorizarmos a questão da proximidade. Na verdade, tanto os menires do Monte dos Almendres e de Vale de Cardos, em relação ao recinto dos Almendres, como o menir da Courela do Monte Novo, em relação ao recinto de Cuncos, ou o menir do Tojal, em relação ao recinto do mesmo nome, parecem conformar situações de associação recinto/menir paralelizáveis, apesar das diferenças, com a realidade observada nas Fontainhas (Calado, 2004).

Neste domínio, o objectivo do trabalho era, antes de mais, saber se os menires estariam efectivamente *in situ*; esta possibilidade era, num e noutro caso, fortemente indicada pelas posições desniveladas dos menires.



Fig. 6 Menir 8, tombado a cerca de 70 m a Nascente do recinto, na altura da sua descoberta. Note-se que o menir apresentava uma das extremidades ligeiramente sobreelevada em relação à outra, sugerindo uma localização *in situ*.

3. Metodologia

Face às problemáticas acima enunciadas, foram abertas três áreas de escavação. O Sector 1, inicialmente com 120 m², foi delimitado em volta dos menires que compõem o recinto propriamente

dito, embora com um certo alargamento, para Leste, uma vez que era nessa direcção que esperávamos detectar os restos das estruturas dos menires desaparecidos; após sucessivas contracções, foram efectivamente escavados apenas 70,5 m², embora, no quadrante balizado pelos menires 1, 2, 3, 4 e 5 (com cerca de 16 m²), tenha sido apenas escavada a camada superficial (quadrados 8G, 8H, 9G e 9H).

Quanto ao Sector 2, foi delimitado, em volta do menir 8, um quadrado de 5 m² (2 m x 2,5 m) e, no que diz respeito ao Sector 3, um quadrado de 4 m² (2 m x 2 m), reduzido, na sequência dos trabalhos, para 2 m² (2 m x 1 m).

Foi feita, *a priori*, a ligação à rede geodésica nacional, pelo que os valores altimétricos e planimétricos utilizados correspondem, em todos os casos, a valores absolutos.

Por se tratar de uma área mais complexa e com uma certa densidade de materiais arqueológicos, logo na camada superficial, o Sector 1, foi subdividido, para efeitos de registo, de acordo com uma quadrícula orientada pelos pontos cardiais e referenciada por um sistema alfanumérico, com as letras G, H, I, J, no eixo E-W, e os números 8, 9, 10, 11, 12, no eixo N-S.

As Unidades Estratigráficas identificadas foram escavadas pela ordem inversa da sua deposição, seguindo, dentro do possível, os princípios da escavação em área (Barker/Harris), e os sedimentos removidos foram integralmente crivados.

Quanto às prospecções, foram efectuadas batidas sistemáticas da área envolvente, com equipas de três a cinco elementos, num raio de cerca de 3 km. Os sítios identificados foram cartografados com GPS.

Os trabalhos de escavação e prospecção decorreram durante o mês de Agosto de 2005, contando com a participação de alunos de arqueologia das Universidades de Lisboa, Nova de Lisboa e de Évora e o apoio logístico da Câmara Municipal de Mora e do Instituto Português de Arqueologia; registam-se, ainda, as colaborações voluntárias do Dr. Pedro Duarte, da Dra. Maria do Rosário Fernandes, do Eng. Joaquim Fernandes, do Manuel Pisco, da Lília Boto e, na discussão das questões relacionadas com o arranjo paisagístico do monumento, da Arq.^a Andrea Morgenstern.

(CMP 1/25 000, fl. 409. Coordenadas Militares Hayford Gauss, datum de Lisboa: m=201043 p=218157, calculadas sobre a base do menir 1)

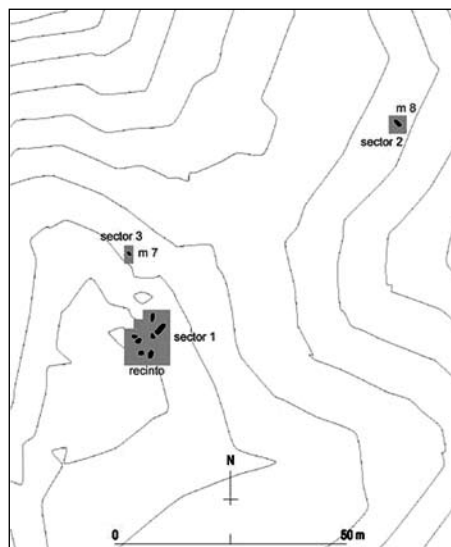


Fig. 7 Distribuição espacial dos três sectores intervenionados.

4. Os dados da escavação

a) Sector 1

O Sector 1 foi inicialmente objecto de uma decapagem da camada superficial, de cor acinzentada, com espessura entre 5 cm e 15 cm (U.E. 0); esta operação permitiu, desde logo, recolher alguns materiais pré-históricos, (sobretudo sílex e cerâmica manual) misturados com materiais modernos (vidros, cartuchos, fragmentos de cerâmica e uma moeda antiga, muito deteriorada, mas eventualmente romana).



Fig. 8 Aspecto da escavação em fase inicial.

A formação da camada superficial resultou naturalmente do uso agrícola recente do sítio, sendo claramente visíveis, na camada subjacente (U.E. 1), os sulcos dos arados, correspondentes às últimas lavouras.

A U.E. 1 apresentava-se, em todo o Sector 1, como uma camada de terra amarelada/alaranjada, praticamente sem pedras, mas com bastantes materiais pré-históricos e, até à base da estratigrafia, também com materiais recentes. O substrato geológico é constituído, em todo este Sector, por sedimentos arenosos, de cor esbranquiçada.

No que diz respeito às estruturas de implantação dos menires, apareceram, logo de início, dois blocos, junto aos menires 2 e 6, respectivamente; a posição demasiado superficial destes blocos sugere que se trate de elementos de sustentação dos menires, deslocados por factores pós-deposi-



Fig. 9 Os menires 2, 3, 4 e 5 nos anos 70 (foto Marciano da Silva).



Fig. 10 Vista geral do recinto nos anos 70 (foto Marciano da Silva).

cionais. Junto aos menires 1 e 3 foram detectadas, nesta fase, fortes perturbações que, sobretudo no segundo caso, resultaram, sem dúvida, da acção de raízes de árvores, entre as quais certamente os pinheiros documentados nas fotografias dos anos 70 do século passado.

Para além dos materiais análogos aos da camada superficial, destacou-se, na U.E.1, a presença de dois conjuntos (U.E. 2 e U.E. 23) de fragmentos de vasos decorados, parcialmente em conexão e que, tipologicamente, apontam, sem ambiguidade, para o Neolítico Antigo/Médio regional. Ambos se relacionam com pequenas concentrações de pedras cuja posição, em planta, parece compatível com a suposta localização de menires desaparecidos.

Foram igualmente recolhidos, na U.E. 1, dois fragmentos de taça carenada, cuja presença remete para contextos do Neolítico Final/Calcolítico, em consonância com um fragmento de lâmina espessa, igualmente procedente da U.E. 1.

Por outro lado, foi identificada uma fossa alongada (U.E. 5), preenchida com terra acinzentada (U.E. 4), que continha alguns fragmentos incaracterísticos de cerâmica de roda, para além de alguns blocos pétreos que resultam provavelmente da destruição das estruturas de implantação deste ou doutros menires. Esta estrutura negativa estava parcialmente sobreposta pelo fragmento tombado (distal) do menir central (menir 1) que acabou por ser removido, para facilitar a escavação integral do respectivo enchimento (U.E. 4).

Na verdade, o resultado mais sólido, no que diz respeito à recuperação da planta original do monumento, foi a descoberta dos restos de um alvéolo e da coroa de implantação, entre a U.E. 3 e o menir 5, correspondente a um presumível menir desaparecido (menir 5a).

Ainda no Sector 1, foi detectado, desenhado e, posteriormente, desmontado um pequeno “empedrado” (U.E. 3), constituído por uma mancha (com cerca de 50 cm de diâmetro máximo) de blocos de quartzo, com dimensões inferiores a 10 cm, cujo significado funcional nos escapa.

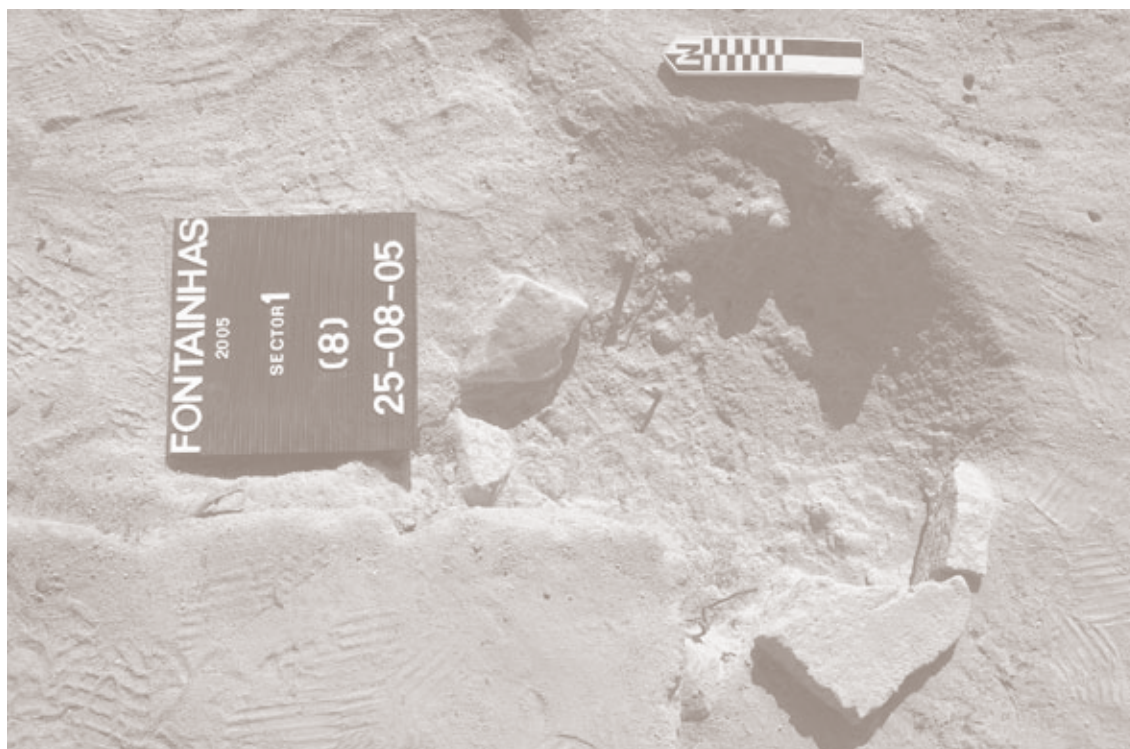


Fig. 11 Restos da estrutura de implantação do menir 5a (desaparecido).



Fig. 12 Concentração de blocos de pedra (seta), interpretada como os restos de estrutura de implantação de um menir desaparecido (menir 5b) e menir 6, antes de ser retirado da escavação. Note-se a inclinação do menir 6, com a base ainda *in situ*.

A posição relativamente superficial desta mancha e o facto de, por baixo, se terem recolhido materiais modernos, significa que se trata do resultado de actividade recente, eventualmente agrícola, e correspondendo, em última análise, a restos perturbados de níveis de cascalheira, frequentes neste tipo de contexto geológico.

De salientar que, nos menires que ainda se encontravam implantados, não eram perceptíveis, no início da escavação da U.E. 1, estruturas de sustentação consistentes, embora surgissem alguns blocos avulsos junto a alguns deles. As evidências de coroas pétreas, nos menires ainda cravados, surgiram apenas com o decurso da escavação desta camada.

A escavação junto dos menires semi-erectos (Menir 1, o menir central, Menir 2, o segundo maior do conjunto, e, no sentido dos ponteiros do relógio, os menires 3, 4 e 5) permitiu constatar duas situações distintas: junto à base do menir 1, não se conservaram quaisquer vestígios de

estrutura pétreia, enquanto, no menir 2, apenas sobreviveram alguns pequenos blocos, no lado sudoeste; pelo contrário, nos restantes, foram detectados restos de estruturas relativamente bem conservados, constituindo anéis de blocos de pequenas e médias dimensões, entre os quais, nos menires 4 e 5, vários fragmentos de mós manuais. Estes menires foram retirados para fora da área escavada, operação destinada a facilitar a leitura e o registo das estruturas de sustentação.



Fig. 13 Aspecto do Sector 1, em fase final de escavação. É bem visível a base do menir 2, sem restos de estrutura de implantação. Foram numerados os possíveis alvéolos de menires desaparecidos.

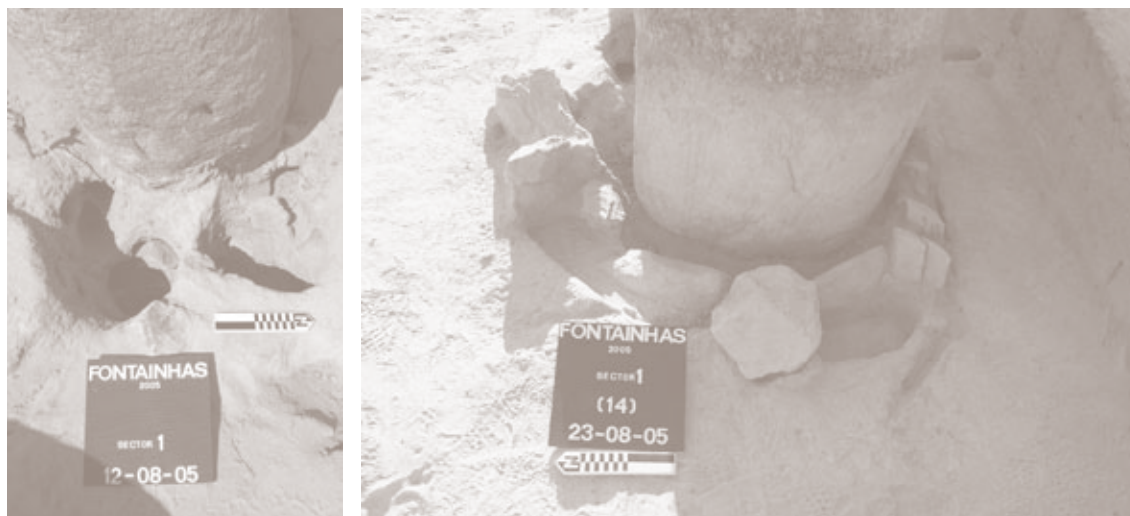


Fig. 14 Negativos de raízes de pinheiro, junto à base do menir 3 (no lado SE) e estrutura de implantação do mesmo menir (no lado NW).



Fig. 15 Estruturas de implantação dos menires 4 e 5.



Fig. 16 Elementos de mós manuais incluídas nos alvéolos dos menires 4 e 5.

Por outro lado, a remoção do menir 6 e a escavação dos sedimentos subjacentes permitiram recuperar também restos mal conservados, mas inequívocos, da respectiva estrutura de implantação.



Fig. 17 Restos do alvéolo e da estrutura de implantação do menir 6.



Fig. 18 Fragmentos de cerâmica, em conexão (U.E. 2).

Em termos globais, a escavação do Sector 1 traduziu-se na ausência aparente de estratigrafias pré-históricas intactas, exceptuando, naturalmente, os restos das estruturas de implantação de alguns menires; estes sobreviveram aos fenómenos pós-deposicionais graças, muito provavelmente, ao obstáculo representado pelos próprios menires; efectivamente, como já foi referido, a U.E. 1 continha, embalados num sedimento mais ou menos homogéneo, de cor amarelada, materiais de diferentes épocas, embora, em termos gerais, se tenha observado um aumento relativo dos materiais pré-históricos, nas cotas mais baixas.

Ficou assim confirmada a afectação dos depósitos arqueológicos, tendo sido, neste processo, afectado o próprio substrato geológico original. Estas alterações e a concomitante homogeneização estratigráfica resultaram certamente de uma acção cruzada dos trabalhos agrícolas e de fenómenos de bioturbação, nomeadamente a acção das raízes das árvores (de que se observaram exemplos recentes), das tocas dos animais, etc. Efectivamente, a superfície topográfica actual deve ser muito semelhante àquela em que, originalmente, os menires foram implantados; sendo assim, os materiais arqueológicos incorporados na U.E. 1 poderiam resultar da mistura de sedimentos superficiais com o substrato geológico.

Porém, a presença, nessa mesma unidade estratigráfica, mas em cotas muito diferentes, de duas pequenas bolsas de fragmentos cerâmicos (U.E. 2 e U.E. 23), em conexão, sugere, em alternativa, a possibilidade de esses materiais terem sido depositados, originalmente, em estruturas negativas (alvéolos de menires, fossas ou lareiras) de que, infelizmente, não encontramos nenhuma evidência concreta.

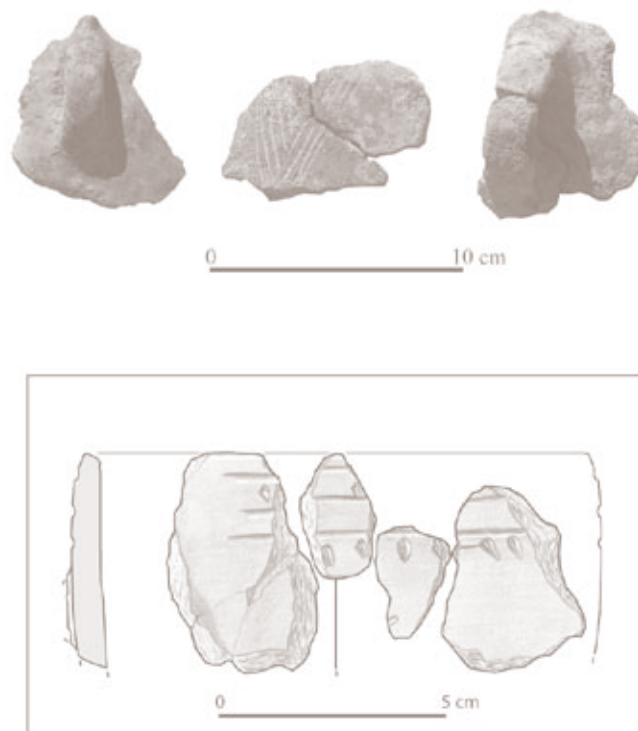


Fig. 19 Fragmentos cerâmicos da U.E. 23.

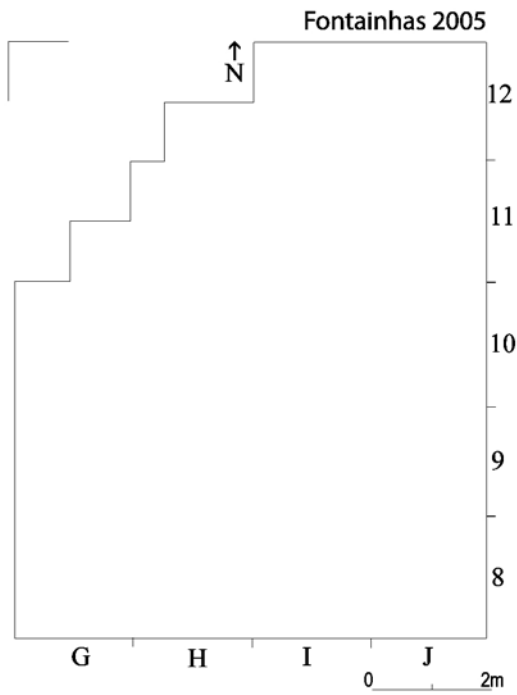


Fig. 20 Planta final do Sector 1: esquema da quadrícula.

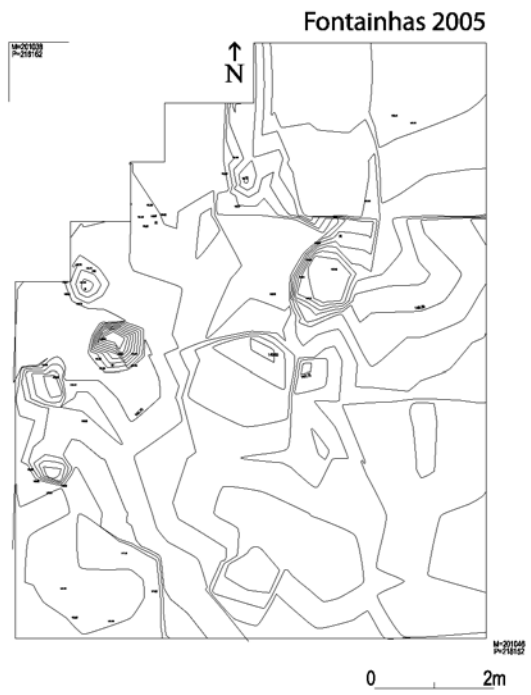


Fig. 21 Planta final do Sector 1: topografia e cotas.

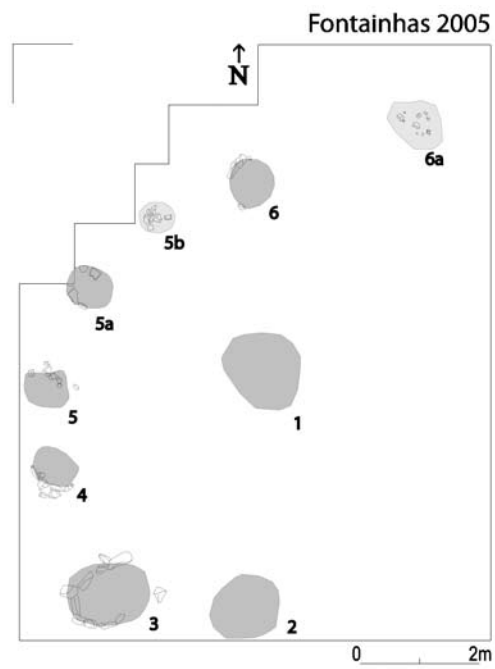


Fig. 22 Planta final do Sector 1: alvéolos e coroas dos menires.

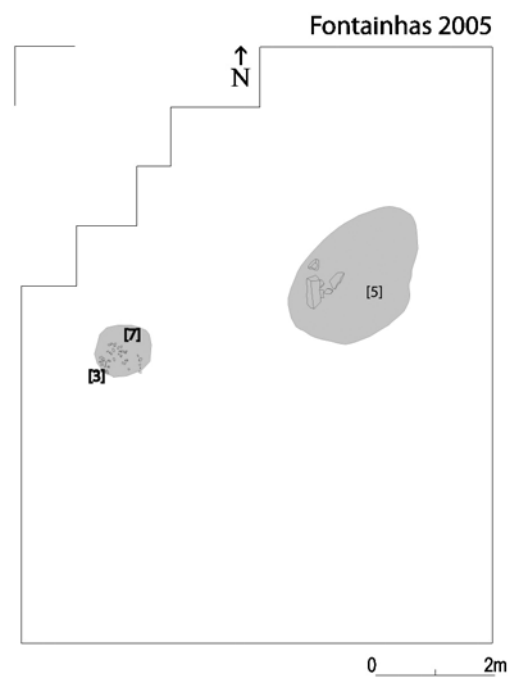


Fig. 23 Planta final do Sector 1: outras estruturas.

b) Sector 2

Junto ao menir 8, a cerca de 70 m do recinto, foi, como vimos, aberta uma área com 5 m², com o objectivo de confirmar a sua presumida localização *in situ*. Sob a camada superficial, acinzentada, foi escavada, em redor das estruturas de implantação do menir, uma outra camada, a U.E. 1, de cor amarelada escura que, por sua vez, assentava numa camada composta por pequenos seixos rolados, com diâmetros na ordem dos 3-5 cm, interpretada como restos de cascalheira natural e, portanto, como o substrato geológico.



Fig. 24 O menir 8, em fase de escavação.

Para além de um presumível calce de granito, visível já à superfície, e parcialmente deslocado (aparentemente pelo próprio basculamento do menir, ao tombar) a escavação permitiu verificar que a base do monólito assentava, tombada, sobre o próprio alvéolo e parte da coroa de sustentação, a qual, por sua vez, se encontrava muito bem conservada.

Esta estrutura era constituída por sete elementos de mós manuais, inteiros ou fragmentados, para além de alguns pequenos blocos de quartzo e de granito. Note-se que a reutilização de mós, nas estruturas de implantação dos menires, já havia sido observada nas escavações dos recintos de Évora (Almendres, Vale Maria do Meio e Portela de Mogos), embora de formas muito mais pontuais (Calado, 2004; Gomes, 1997, 2002).

Após a definição das estruturas pétreas, foi esvaziado o conteúdo do alvéolo, de matriz muito geológica, relacionado com o substrato de argilas e gredas sobre o qual assentam as areias.

Foram recolhidos sedimentos para flutuação e palinologia e amostras para OSL; estas últimas foram retiradas de noite, de entre as pedras da coroa, por se tratar do único contexto aparentemente intacto desde a erecção do menir. Procedeu-se, nessa operação, ao desmonte da estrutura pétreia, tendo sido recolhidos os elementos de mós que a integravam.

Não foram recolhidos artefactos neste Sector.



Fig. 25 O alvéolo do menir 8, em fase de escavação (depois de retirado o calce que aflorava à superfície)



Fig. 26 Elementos de mó incluídos no alvéolo do menhir 8.

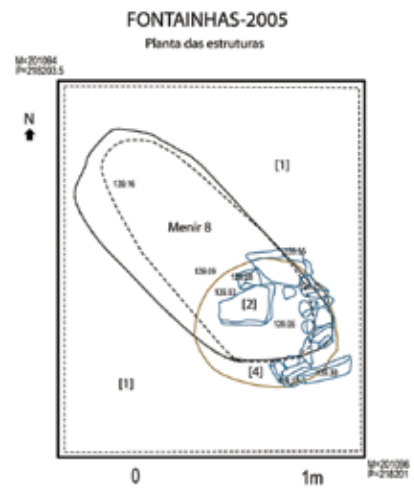


Fig. 27 Planta final do Sector 2.

b) Sector 3

Definiu-se como Sector 3 uma área de 4 m² (de que acabaram por ser escavados apenas 2 m²) em torno da base do menhir 7. Após a remoção do menhir, a escavação dos sedimentos em que este assentava [2] não permitiu detectar restos de estruturas pétreas; no entanto, a posição muito inclinada do monólito, com a base bastante enterrada, sugeria, à partida, que este se encontrava tombado *in situ*. Por outro lado, a U.E. 2 apresentava uma coloração nitidamente distinta dos sedimentos “encaixantes”, U.E. 1, correspondendo provavelmente ao enchimento perturbado do alvéolo.

Tal como no Sector 2, não foram recolhidos artefactos.



Fig. 28 O menhir 7 em fase de escavação.

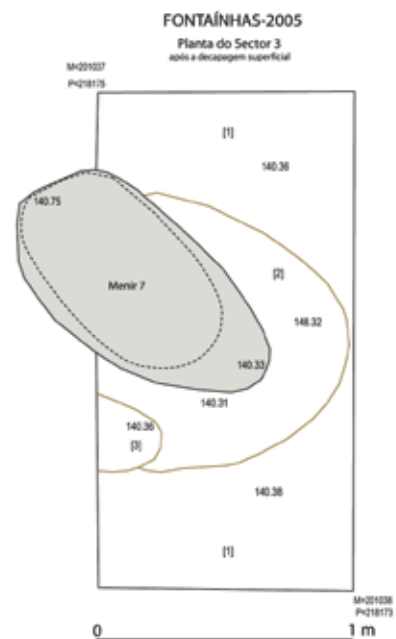


Fig. 29 Planta final do Sector 3.

5. A estratigrafia

Sector 1

- [1] – Nível de areia amarelo escuro, muito perturbada por fenómenos tafonómicos. Apresenta-se muito solto com abundante material pré-histórico, mas igualmente com inclusões de materiais de épocas recentes.
- [2] – Conjunto de blocos de granito e quartzo, correspondendo eventualmente aos restos da estrutura de implantação de um presumível menir (menir 5b), associados a um pequeno conjunto de cerâmicas em conexão.
- [3] – Conjunto de pequenos blocos de quartzo, formando uma mancha com cerca de 0,80 m x 0,50 m.
- [4] – Preenchimento da fossa [5], composta por terra acinzentada e alguns blocos de granito. Continha duas moedas romanas e vários fragmentos de cerâmica de roda, eventualmente romanos.
- [5] – Fossa aberta sob o menir central, com cerca de 2,50 m x 1,80 m, com fundo ovalado, e com cerca de 0,40 m de profundidade máxima.
- [6] – Enchimento do alvéolo [8] do menir 5a (desaparecido). Areias muito soltas, com nódulos de arenito, muito duros e pequenas pedras de granito.
- [7] – Mancha de areias soltas, avermelhadas, com nódulos de arenito, muito compactos e alguns fragmentos minúsculos de carvão, sob a [3]. Corresponde provavelmente à perturbação provocada por uma árvore.
- [8] – Alvéolo do menir 5a, muito amputado, com cerca de 0,70 m de diâmetro e cerca de 0,25 m de profundidade máxima.
- [9] – Mancha de areias acinzentadas, com nódulos ferruginosos, sob o conjunto de pedras [2].
- [10] – Restos da estrutura de implantação do menir 6, constituídos por um bloco de cerca de 0,5 m de comprimento e dois blocos de pequenas dimensões.
- [11] – Enchimento do alvéolo do menir 6 [12]. Terras amareladas, muito soltas.
- [12] – Alvéolo do menir 6. Estrutura negativa muito amputada, com cerca de 0,80 m de diâmetro e escassos 0,20 m profundidade.
- [13] – Restos da estrutura de implantação do menir 5a, constituídos por cinco blocos, de dimensões médias, dispostos em arco de círculo.
- [14] – Estrutura de implantação do menir 3. Constituída por pedras de granito, de diversas dimensões; trata-se, certamente, da estrutura de implantação melhor conservada do conjunto.
- [15] – Enchimento do alvéolo do menir 3: areias muito soltas, com abundantes perturbações de raízes, no lado Leste. Não foi escavado.
- [16] – Alvéolo do menir 3.
- [17] – Estrutura de implantação do menir 4. Constituída por blocos de granito (4 mós) e um bloco de gnaise.
- [18] – Enchimento do alvéolo do menir 4. Areias muito soltas.
- [19] – Restos do alvéolo do menir 4; estrutura negativa pouco profunda, com cerca de 0,70 de diâmetro.
- [20] – Estrutura de implantação do menir 5. Composto por 7 fragmentos de mós manuais (dormentes e moventes) e blocos de quartzo.
- [21] – Enchimento do alvéolo do menir 5. Areias de tonalidade acinzentada, muito soltas.
- [22] – Alvéolo do menir 5.

[23] – Mancha de areias acinzentadas, com sílex e cerâmicas em conexão parcial e algumas pequenas pedras, nomeadamente um seixo de quartzito. A matriz arenosa, apresentava-se muito solta. Pode corresponder, em parte, aos restos afectados das estruturas de um menir desaparecido (menir 6 a).

[24] – Enchimento do possível alvéolo do menir 5a. Areias muito soltas, de tom ligeiramente acinzentado.

[25] – Alvéolo do menir 5a. Trata-se de uma depressão pouco profunda (cerca de 15 cm), que interpretámos como os restos amputados do alvéolo de um menir desaparecido. Esta interpretação é reforçada pela métrica das distâncias entre os menires.

Sector 2

[1] - Nível de areia amarelo escuro, muito perturbada pela acção da agricultura, árvores e arbustos. Apresentava-se muito solta.

[2] – Estrutura de sustentação do menir 8, constituída por blocos de quartzo e 7 fragmentos de mós de granito (moventes e dormentes; um dos dormentes foi reutilizado, como polidor, no reverso)

[3] – Enchimento do alvéolo do menir 8: areias com abundantes nódulos ferrosos. Pouco compacta.

[4] – Alvéolo do menir 8. Depressão de planta ovalada, com cerca de 0,90 m x 0,80 m e cerca de 0,30 m de profundidade conservada.

O substrato geológico, junto ao menir 8 é constituído por areia de cor amarelada com intercalações de uma fina camada, de tipo cascalheira, composta por pequenos seixos rolados, com diâmetros na ordem dos 3-5 cm.

Sector 3

[1] - Nível de areia amarelo escuro, muito perturbada pela acção da agricultura, árvores e arbustos. Apresentava-se muito solta.

[2] – Camada de terra acinzentada, definida junto à base do menir.

[3] – Bolsa de terra acinzentada escura, interpretada como perturbação de origem natural, eventualmente os vestígios de uma raiz.

6. Síntese dos resultados

6.1. Os materiais

A escavação do recinto megalítico das Fontainhas permitiu, como vimos, recolher um interessante conjunto de artefactos pré-históricos, sobretudo sílex e cerâmica manual, assim como materiais modernos, nomeadamente vidros, cartuchos e fragmentos de cerâmica vidrada.

De entre os materiais pré-históricos, os mais directamente relacionáveis com a construção e o uso do monumento, destacam-se os artefactos líticos – maioritariamente lamelas e restos de

talhe — que, em termos tipológicos, remetem genericamente para o Neolítico Antigo/Médio. Foram igualmente recolhidos dois trapézios de sílex, simétricos, com truncaturas rectas/convexas, ambos com entalhe na base menor; este tipo de micrólitos ocorre, por exemplo, nas indústrias mesolíticas do Tejo (Roche, 1972), embora, com alguma frequência, estejam presentes também nos espólios das sepulturas protomegalíticas da região (e não só) (Rocha, 2005).

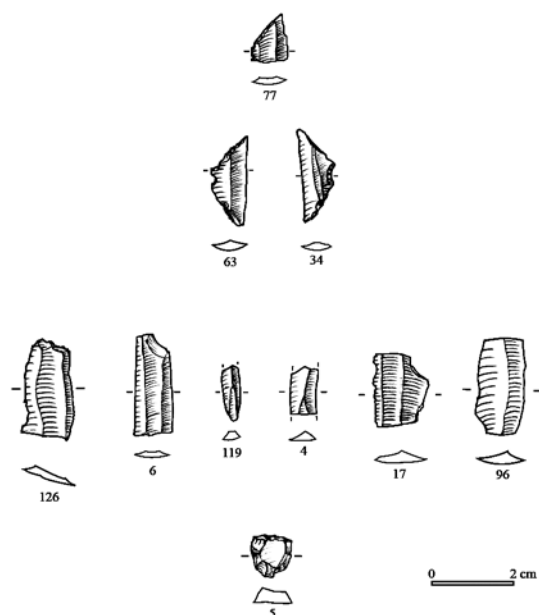


Fig. 30 Selecção de artefactos líticos da escavação das Fontainhas.

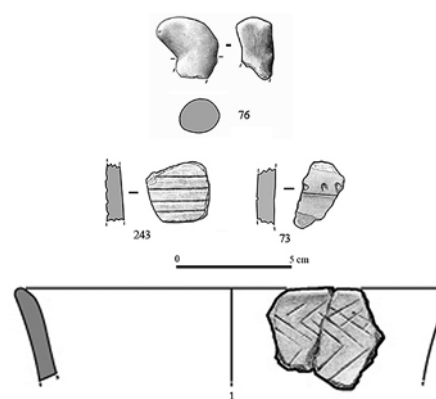


Fig. 31 Cerâmicas do Sector 1 (os dois fragmentos do vaso 1 provêm da U.E. 2).

É importante sublinhar que, nestas sepulturas, estão, por norma, ausentes as cerâmicas decoradas.

Note-se, por outro lado, que o carácter aparentemente anacrónico dos trapézios, sobretudo, como também acontece com frequência, em monumentos funerários de tipologia evoluída, poderia resultar de práticas rituais, de tipo transladação, que, em conjugação com fenómenos de conservadorismo, reutilização ou utilização prolongada, tornariam inadequado o modelo tradicional que tende a considerar os espólios e as arquitecturas como automaticamente contemporâneos e, sobretudo, tende a excluir a possibilidade de os espólios serem mais antigos que as sepulturas que os encerram (Rocha, 2005).

Quanto às cerâmicas, foi recolhido um conjunto de cerca de uma dezena de fragmentos, alguns dos quais decorados (incisos, impressos e com decoração plástica), pertencentes a vasos diferentes, de que se destaca a presença de um fragmento com asa, com botão na parte superior. Estes achados indiciam igualmente uma cronologia dentro do Neolítico Antigo, numa fase possivelmente evoluída (Silva e Soares, 1981; Soares e Silva, 2003), com inúmeros paralelos conhecidos, nomeadamente na Gruta da Furninha (Diniz, 1994) ou em S. Pedro de Canaferrim (Simões, 1999).

Para além destes materiais, que interpretamos como contemporâneos da construção e uso inicial do recinto, foram identificados indícios que implicam uma certa continuidade (com ou sem hiatos) de uso, em fases mais avançadas (carenas e lâmina espessa de *chert*).

Tendo em conta o grau de conservação do monumento e a presença, nas imediações, de vestígios de povoados do Neolítico Final e do Calcolítico, parece razoável que, pelo menos nessas

épocas, o recinto tenha conservado alguma proeminência simbólica e, de uma forma ou de outra, se tenha mantido em uso. É altamente provável, aliás, que, nessas épocas, o recinto se conservasse ainda intacto.

Apesar da escassez de estudos específicos sobre o tema, dispomos cada vez mais de elementos que comprovam o uso dos monumentos megalíticos (antas ou menires), em épocas muito posteriores à sua construção (Calado, 2004; Mataloto, 2007).

As permanências megalíticas, na região, têm, aliás, um exemplar muito *sui generis* — o Alinhamento da Tera — construído na I Idade do Ferro, num ambiente paisagístico fortemente megalítico, em que sobressai, aliás, o recinto de Vale d’El Rei; como se sabe, este monumento chegou, praticamente intacto (com ligeiras inclinações de alguns menires) até aos anos 70 do século passado (Calado, 2004).

Na verdade, todos os materiais recolhidos correspondem presumivelmente a actividades posteriores à erecção dos monólitos; porém, as mós manuais, registadas em número surpreendente (dezoito exemplares, nas estruturas de sustentação de apenas três menires), são, em nossa opinião, o melhor indicador de uma génese neolítica do monumento. O carácter ritual desta prática parece uma hipótese a reter: não se vislumbram, aliás, explicações de tipo técnico/económico para uma tal opção, tanto mais que os povoados de onde, teoricamente, terão sido oriundas, se localizam a uma distância maior do que os próprios afloramentos graníticos.

A valorização simbólica dos artefactos de moagem poderia, aliás, relacionar-se com a consabida utilização de outros artefactos especificamente neolíticos — e fundamentais na economia neolítica — como são os machados e os báculos (cajados de pastor), elevados, de uma forma muito evidente, à categoria de elementos simbólicos.

Note-se que a antiguidade relativa (Neolítico Antigo/Médio) sugerida pelas cerâmicas decoradas e pelo próprio sílex, implica que as mós devem ser dessa época ou mesmo algo anteriores, assumindo que o monumento representa a “primeira pedra” na estratigrafia do sítio. Ora, as mós, tal como a pedra polida, costumam escassear nos contextos habitacionais do Neolítico Antigo (embora estejam sempre presentes) (Diniz, 2003); esta raridade pode ter sido, em última análise, um dos ingredientes decisivos na valorização ritual desses utensílios.

A associação de mós manuais com menires — e, no caso destes últimos, a funcionalidade ritual é inquestionável — parece assumir, no contexto alentejano, uma outra modalidade, no caso do recinto do Xarez: de facto, no restauro levado a cabo sob a direcção de Pires Gonçalves, nos anos setenta do século passado, foram incorporados no monumento vários dormentes de mó manual, cuja proveniência seria, presume-se, a própria área em que os menires se encontravam mas que, atendendo às dimensões de algumas, não é plausível que tenham servido de calces (Gomes, 2000).

Conhece-se, aliás, um caso muito eloquente da ligação conceptual entre menires e mós: trata-se do menir da Cegonha, na Beira Baixa, que, na verdade, é um grande dormente de mó manual, implantado na vertical, como menir (Cardoso et al., 1995).

Se as mós correspondem, certamente, à época da construção do monumento, os materiais romanos recolhidos corresponderão, provavelmente, ao último episódio em que o recinto parece ter sido o foco de algum tipo de uso ritual. De facto, nas proximidades do menir central, foram recolhidas três moedas romanas (uma, na U.E. 0, e as outras duas, na U.E. 4) sugerindo igualmente uma presença de carácter ritual (funerário ou outro).

Na verdade, não é a primeira vez que os menires do Alentejo Central apresentam evidências de fenómenos de utilização/destruição, ocorridos em época romana: no caso de S. Sebastião (Évora) (Calado, 2004), os menires foram derrubados e amputados nessa época, embora aí no

contexto do que parece ter sido, em função da quantidade e da variedade dos artefactos recolhidos, uma ocupação relativamente intensa (eventualmente habitacional) do local.

No recinto de Vale Maria do Meio, onde não existem indícios de uma verdadeira presença romana, foram identificados vários casos de amputação e remoção de monólitos, supostamente em época romana ou posterior, atendendo a que parecem ter-se destinado à produção de silhares; por outro lado, num sítio romano localizado nas redondezas do recinto, foi descoberto um fragmento de menir que, ao que tudo indica, terá sido deslocado a partir do Vale Maria do Meio (Calado, 2004).

Também no recinto do Tojal existem sinais claros (tijolo e tégula) de uma presença romana, no local, embora a natureza dos trabalhos efectuados não tenham permitido caracterizá-la melhor (Calado, 2003, 2004).

Seja como for, regressando às Fontainhas, os dados disponíveis (raros fragmentos cerâmicos, de atribuição questionável, e três moedas, permitem, sem nenhuma margem para dúvidas, excluir qualquer tipo de uso habitacional.



Fig. 32 Moeda romana.

6.2. As estruturas e as estratigrafias

O monumento das Fontainhas, tal como hoje o conhecemos, está manifestamente amputado. Infelizmente, ao contrário das expectativas, a escavação apenas permitiu confirmar, sem reservas, a posição original de um dos menires desaparecidos (5a), no espaço entre os menires 5 e 6.

Porém, a distribuição dos menires sobreviventes e a posição de duas pequenas concentrações de pedras (U.E. 2 e U.E. 23), ambas associadas a fragmentos cerâmicos em conexão, permitem-nos colocar a hipótese de, nas duas situações, esses conjuntos corresponderem, com maior ou menor perturbação, aos restos das estruturas de implantação dos presumíveis menires 5b e 6a. Os materiais associados correspondem provavelmente aos restos, muito perturbados, de estratigrafias mais ou menos protegidas pela presença dos próprios menires, entretanto desaparecidos.

O desaparecimento dos menires pode, obviamente, ter ocorrido em qualquer altura, após a construção; no entanto, as prospecções efectuadas, até agora, nas imediações do recinto — de onde, até à data, estão ausentes os sítios proto-históricos, romanos e medievais — sugerem que o destino mais provável para os menires em falta terão sido os “montes”, na sua maioria construídos já no século XX, num processo de parcelamento agrícola que está na origem da actual estrutura da propriedade, nas Fontainhas. Nalguns desses “montes”, actualmente abandonados e em processo de ruína, são visíveis os blocos de granito usados nas respectivas fundações ou embasamentos. Recorde-se que toda esta área é constituída por terrenos arenosos e que, a partir das courelas das Fontainhas, o recinto megalítico, localizado ainda por cima junto ao caminho, era a fonte dessa matéria-prima mais facilmente acessível.

Em relação à fossa identificada, junto ao menir central (e, parcialmente, sob a extremidade distal), a U.E. 5, colocámos, de início, duas hipóteses interpretativas: poderia eventualmente tratar-

-se de uma violação levada a cabo por pesquisadores de tesouros ou, em alternativa, uma sondagem de diagnóstico feita por arqueólogos, embora nada tenha sido publicado que permita atestá-lo; esta leitura resultou da informação prestada por um dos populares que visitou a escavação, referindo que uns “professores” tinham efectuado escavações no recinto nos finais dos anos 60 ou inícios dos anos 70 do século XX.

Porém, a presença dos materiais romanos nos sedimentos que colmatavam a fossa (U.E. 4), apesar de escassos, sugere a possibilidade de a estrutura ter sido aberta e colmatada em época romana. Note-se que a localização do recinto, junto a uma encruzilhada de caminhos antigos, poderia conjugar-se com a hipótese de um uso funerário.

Tanto quanto se sabe, a *villa* romana mais próxima localiza-se a meia dúzia de quilómetros, a Nordeste, junto ao cemitério de Cabeção.

Para além dos dados obtidos no recinto propriamente dito, a escavação dos Sectores 2 e 3, confirmou razoavelmente as suspeitas iniciais.

No caso do menir 8, que conservava as estruturas de implantação parcialmente intactas, essa confirmação foi absoluta; no que diz respeito ao menir 7, sem estruturas conservadas, apresentava uma posição inclinada que, atendendo àquilo que tem sido observado, repetidamente, noutros casos semelhantes – para além do menir 8, refiram-se, por exemplo, os menires do Tojal e do Barrocal, assim como vários do recinto do Vale Maria do Meio – deveria encontrar-se ainda *in situ*.

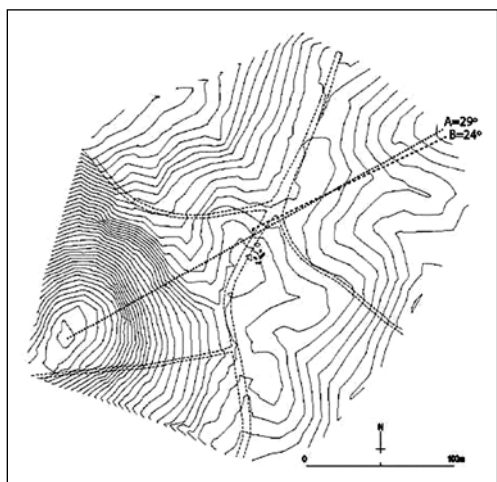


Fig. 33 Alinhamentos astronómicos dos menires 7 e 8.

É possível que os menires 7 e 8 sejam apenas o remanescente de um sistema mais complexo. No entanto, considerando somente esses dois menires e o horizonte mais próximo – o cabeço adjacente, no lado ocidental – é possível detectar duas possíveis orientações astronómicas, recorrentes, de diversas formas, noutros monumentos análogos (Silva e Calado, 2003a, 2003b; Silva, 2004; Alvim, 2006).

Trata-se, por um lado, de uma orientação solsticial (24°), materializada pela linha que passa pelos dois menires, e, por outro, de uma orientação lunar, materializada na linha que passa pelo menir 8 e pelo topo do referido cabeço, a Oeste; efectivamente, esta orientação coincide com a do nascer da Lua, no horizonte, na Pausa Maior (29°).

6.3. Outros aspectos

Finalmente, um breve comentário sobre os resultados das prospecções de 2005 que, aliás, tiveram continuidade em 2006. Foram, como já foi assinalado, identificados vestígios de povoados do Neolítico Antigo/Médio, Neolítico Final e Calcolítico.

Todos eles ocupam posições relativamente próximas das margens da Ribeira do Raia, em articulação com os terraços férteis que, neste troço, assumem uma dimensão muito notável.

Destacam-se os povoados da Barroca e da Chaminé 3, localizados, respectivamente, na margem esquerda e na margem direita do Raia; ambos foram objecto de breves sondagens de diagnóstico, na campanha de 2006, tendo proporcionado materiais enquadráveis num leque cronológico que cobre a transição Mesolítico-Neolítico e se conjugam, no seu conjunto, com os materiais

mais antigos recolhidos nas Fontainhas. Foi igualmente identificada, na Chaminé 3, uma ocupação do Neolítico Final que, nesta fase, se prolonga por uma área extensa, na várzea imediatamente adjacente, com a qual se poderão relacionar os materiais mais tardios do recinto.

Existem semelhanças (nomeadamente a decoração incisa, composta por caneluras paralelas) entre as cerâmicas das Fontainhas e as da Barroca; no entanto, os triângulos, abundantes na Barroca, não estão representados nas Fontainhas. Os próprios trapézios das Fontainhas (dois exemplares) são diferentes dos dois únicos exemplares da Barroca: estes são trapézios assimétricos e de truncaturas côncavas (tipo Téviac).

Por outro lado, as cerâmicas decoradas da Chaminé 3 conjugam-se bem com as das Fontainhas, ambas com uma boa percentagem de cerâmica impressa; no que diz respeito à pedra lascada, o material do povoado reduz-se a um pequeno conjunto de lascas, sem geométricos. Convém referir que, sobretudo no caso da Chaminé 3, a amostra sondada foi muito diminuta o que, naturalmente, limita o alcance dos dados obtidos.

Nas proximidades do recinto, foram igualmente registados alguns presumíveis sítios de habitat, de escassa entidade superficial, cuja relação com o recinto é praticamente certa. Um fenómeno semelhante foi observado nas imediações do recinto dos Almendres, num padrão que, atendendo às sondagens praticadas num deles (Gomes, 2002), sugere ocupações episódicas, relacionadas com a construção ou o uso específico dos monumentos.

Estão, por ora, ausentes, nas imediações das Fontainhas, povoados da Idade do Bronze e do Ferro, aspecto que parece apontar para uma crise regional, detectável, nos finais do Calcolítico, em todo o Alentejo Central (Calado, 1995), mas que, nesta área, parece ter-se traduzido num abandono particularmente prolongado.

Complementarmente aos trabalhos de escavação e prospecção, foram efectuadas observações e fotografias nocturnas, com luz rasante, nos menires das Fontainhas.

Essa operação conduziu à detecção, no menir 2, de duas possíveis gravuras, mal conservadas: um crescente ladeado por um báculo, em baixo relevo.

Trata-se de dois dos temas mais frequentes nos menires alentejanos, embora, no que diz respeito aos recintos, apenas se conheçam, por enquanto, nos exemplares dos arredores de Évora. Nos monumentos mais periféricos, como é o caso das Fontainhas, não tinha, até à data, sido identificado qualquer tipo de gravuras, à excepção das covinhas.

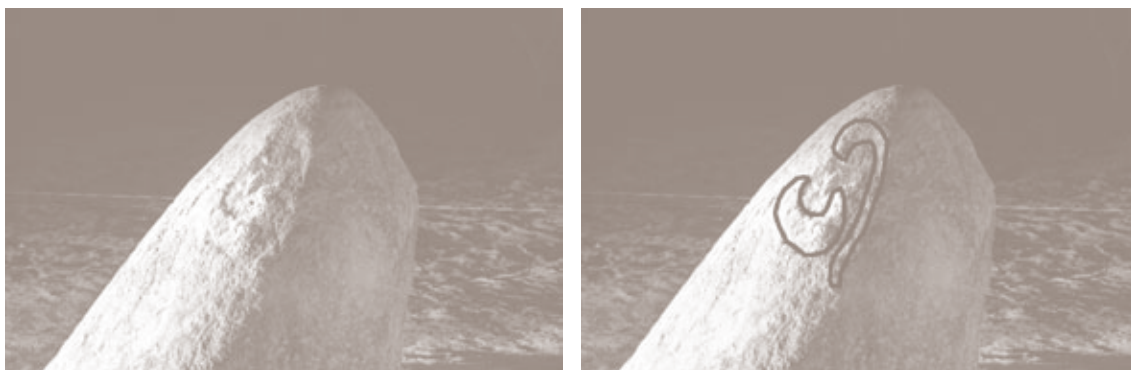


Fig. 34 Possíveis gravuras, em baixo-relevo, de um crescente e um báculo, junto ao menir 2.

7. Perspectivas futuras

Um dos objectivos finais desta escavação foi o restauro e a musealização do monumento, à semelhança do que tem sido feito — ou se projecta fazer — noutros casos análogos.

A proximidade do recinto em relação à estrada Pavia-Mora e, portanto, a sua fácil acessibilidade, é uma das características que tornam este monumento particularmente adequado à sua rentabilização turística e sócio-cultural; este aspecto é, naturalmente, reforçado pela qualidade do contexto paisagístico em que o recinto das Fontainhas se encontra inserido.

Em termos mais gerais, o recinto das Fontainhas faz parte de um pequeno conjunto de monumentos, praticamente exclusivos do Alentejo Central, cuja raridade relativa (comparando, por exemplo, com as antas) e cuja presumida antiguidade — representam o arranque do megalitismo e, simultaneamente, do Neolítico, na região — justificam plenamente a sua valorização sócio-cultural.

Note-se que, apesar de um certo ar de família, traduzindo, certamente, um contexto muito específico, em termos sociais e ideológicos, os recintos alentejanos são todos diferentes entre si. As diferenças entre eles implicam, sobretudo, o contexto paisagístico, a planta dos recintos, o número e a forma dos menires, os símbolos gravados (ou não) e as próprias orientações astronómicas (Silva e Calado, 2003a, 2003b; Alvim, 2006).

Em termos científicos, o recinto das Fontainhas e o seu contexto arqueológico colocam-nos, mais uma vez (Deus, 2002), perante a questão, nunca formulada, da relação entre o Mesolítico e os menires, nas fronteiras do Alentejo Central, tanto mais que, nos últimos tempos, surgiram, em áreas muito mais interiores, alguns indícios dessa relação, em povoados como o Alto de S. Bento (Évora) e o Barrocalinho 17 (Reguengos de Monsaraz) (Calado, 2004).

Em termos práticos, importa, logo que possível, criar condições adequadas à sua visitabilidade, integrando, naturalmente, soluções que passem pela gestão do estacionamento, sinalética e estruturas informativas.



Fig. 35 O recinto, após o restauro parcial. À direita, o menir 7.



Fig. 36 (a e b). Os menires 8 e 7 após a reimplantação.

Ficaram, como se viu, algumas questões científicas por resolver. A clarificação de algumas delas passará, obviamente, pelo estudo do contexto arqueológico, com prioridade para a análise dos povoados entretanto identificados, sem excluir a hipótese de uma nova campanha de escavações, com o objectivo de detectar eventuais estruturas de implantação de menires desaparecidos, expectáveis na área não escavada, sobretudo no lado Nascente/Sul. Seria, igualmente importante efectuar sondagens no exterior do recinto, tendo em vista a eventual detecção de estruturas (fossas, lareiras, buracos de poste, etc.) e, sobretudo, a comparação com a amostra recolhida no interior do recinto.

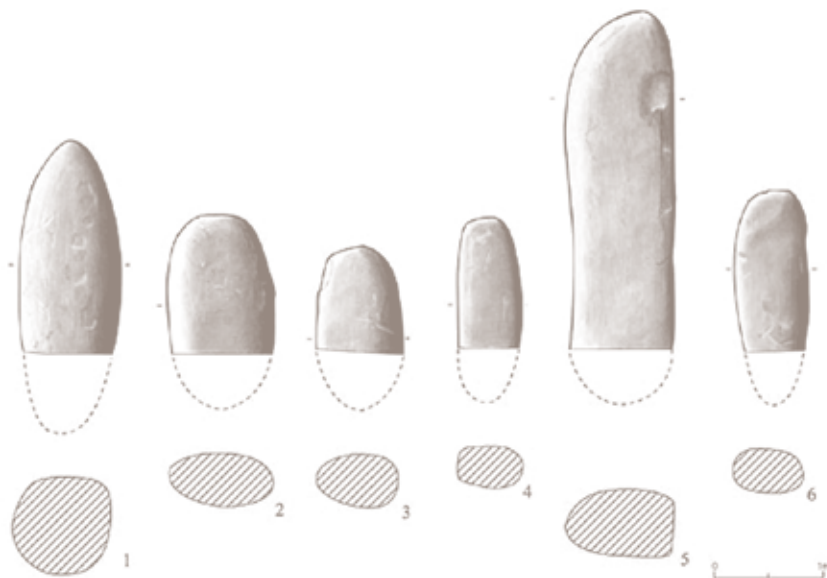


Fig. 37 Os menires do recinto das Fontainhas (Calado, 2004).

BIBLIOGRAFIA

- ALVIM, P. (2006) - *Menires, paisagem, paisagens: os Almendres e a Serra do Monfurado*. www.crookscape.org.
- ANGELUCCI, D.; DEUS, M. de (2006) - Geomorfologia e ocupação pré-histórica no baixo curso do rio Sor: primeiras observações geoarqueológicas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, p. 5-26.
- CALADO, M. (1990) - Aspectos do megalitismo alentejano. Comunicação apresentada às IV Jornadas da Associação de Arqueólogos Portugueses. *O Giraldo* (Julho e Agosto). Évora.
- CALADO, M. (1993) - Menires, alinhamentos e cromelechs. In MEDINA, J., ed. - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. 1, p. 294-301.
- CALADO, M. (1995) - *A região da serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento neolítico e calcolítico*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (edição fotocopiada).
- CALADO, M. (1997) - Cromlechs alentejanos e arte megalítica. In *Actas del III Coloquio Internacional de Arte Megalítico*. A Coruña: Museo Arqueológico e Histórico, p. 289-297.
- CALADO, M. (2000a) - Neolitização e megalitismo no Alentejo Central: uma leitura espacial. In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP, p. 35-45.
- CALADO, M. (2000b) - O recinto megalítico de Vale Maria do Meio (Évora, Alentejo). In *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo (Monsaraz, 1996)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 167-182.
- CALADO, M. (2001) - *Da serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de Pré-História regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- CALADO, M. (2002) - Standing stones and natural outcrops. The role of ritual monuments in the Neolithic transition of the Central Alentejo. In SCARRE, C., ed. - *Monuments and Landscape in Atlantic Europe*. London: Routledge, p. 17-35.
- CALADO, M. (2003) - Megalitismo, megalitismos: o conjunto neolítico do Tojal (Montemor-o-Novo). In *Muita gente poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo*. *Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 351-369.
- CALADO, M. (2004a) - Entre o Céu e a Terra. Menires e arte rupestre no Alentejo Central. In CALADO, M., ed. - *Sinais de pedra. I Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.
- CALADO, M. (2004b) - Menires do Alentejo Central. Génese e Evolução da paisagem megalítica regional. Lisboa: FLUL (Tese fotocopiada). <http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html>
- CALADO, M.; ROCHA, L. (1996) - Neolitização do Alentejo Interior: os casos de Évora e Pavia. In *Actas del I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*. Gavà: [s.n.], p. 673-682.
- CARDOSO, J. L.; GOMES, M. V.; CANINAS, J. C.; HENRIQUES, F. R. (1995) - O menir de Cegonhas (Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-históricos*. Viseu. 3, p. 5-17.
- CORREIA, V. (1921) - *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas (Memoria 27).
- DEUS, M. de (2002) - *Povoamento neolítico e calcolítico na região de Montargil*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (tese fotocopiada).
- DINIZ, M. (1994) - *Acerca das cerâmicas do Neolítico Antigo da Gruta da Furninha (Peniche) e da problemática da neolitização do Centro/Sul de Portugal*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (fotocopiado).
- GOMES, M. V. (1997) - Cromeleque da Portela de Mogos. Um monumento sócio-religioso megalítico. In SARANTOPOULOS, P., ed. - *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*. Évora: Câmara Municipal, p. 35-40.
- GOMES, M. V. (2000) - Cromeleque do Xerez. A ordenação do caos. In SILVA, A. C., ed. - *Das pedras do Xerez às novas terras da Luz*. Beja: EDIA, p. 17-190.
- GOMES, M. V. (2002) - *Cromeleque dos Almendres. Um monumento socio-religioso neolítico*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Técnica de Lisboa (texto fotocopiado).
- MATALOTO, R. (2007) - Paisagem, Memória e Identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto-alentejano. <http://www.crookscape.org/textmar2007b/text11b.html>
- MOITA, I. (1956) - Subsídios para o estudo do Eneolítico do Alto Alentejo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3.ª série. 2, p. 135-175.
- MOITA, I. (1965) - Sobrevivência de cultos de origem remota no interior do Alentejo. *Separata das Actas do Congresso Internacional de Etnografia*. Lisboa: [s.n.].
- ROCHA, L. (1999a) - Aspectos do megalitismo da área de Pavia, Mora (Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, p. 71-94.
- ROCHA, L. (1999b) - O megalitismo funerário da área de Pavia, Mora (Portugal). Estado actual da investigação. In *II Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*.
- ROCHA, L. (1999c) - *Povoamento megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-História regional*. Setúbal: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, L. (2005) - *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Lisboa: FLUL (Tese fotocopiada).

- ROCHE, J. (1972) - *Le gisement méolithique de Moita do Sebastião, Muge, Portugal-Archéologie*. Vol. I. Lisboa: Direcção-Geral dos Assuntos Culturais.
- SILVA, C. M. da (2000) - Sobre o possível significado astronómico do Cromleque dos Almendres. *A Cidade de Évora*. Évora. 2:4, p. 109-127.
- SILVA, C. M. da (2004) - The spring full moon. *Journal for the History of Astronomy*. Cambridge. 35, p. 475-478.
- SILVA, C. M. da; CALADO, M. (2003a) - New astronomically significant directions of megalithic monuments in the Central Alentejo. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 5, p. 67-88.
- SILVA, C. M. da; CALADO, M. (2003b) - Monumentos megalíticos lunares no Alentejo Central. In CALADO, M., ed. - *Sinais de pedra. Actas do 1.º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida (CD-ROM).
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1981) - *Pré-História da área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (2000) - Protomegalitismo no Sul de Portugal: inauguração das paisagens megalíticas. In GONÇALVES, V. S., ed. - *Muitas antas, pouca gente? Actas do Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 117-134.
- SIMÕES, T. (1999) - *O sítio neolítico de S. Pedro de Canaferrim (Sintra)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (2003) - A transição para o Neolítico na costa sudoeste portuguesa. In GONÇALVES, V. S., ed. - *Muita gente poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 45-56.
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V.; REYNOLDS de SOUSA, H.; NORTH, C. T.; LEITÃO, M. (1977) - Nouvelles découvertes de cromelechs et de menhirs au Portugal. *CSGP*. Lisboa: [s.n.]. 61, p. 63-73.
- ZILHÃO, J. (2001) - Radiocarbon evidence for maritime pioneer colonization at the origins of farming in West Mediterranean Europe. *Proceedings of the National Academy of Sciences*. Washington, DC. 98, p. 14180-14185.